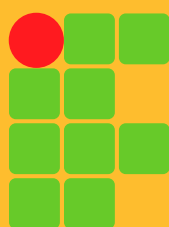


Ouro Negro

CARTILHA SOBRE A HISTÓRIA DO PETRÓLEO
NO MUNICÍPIO DE CATU-BA (1940-2019)

Júlia dos Santos Pereira, Filipe Matheus Oliveira Santos Xavier,
Herbert Willian Fernandes dos Santos,
Marcelo Souza Oliveira e Rafael Rosa da Rocha.



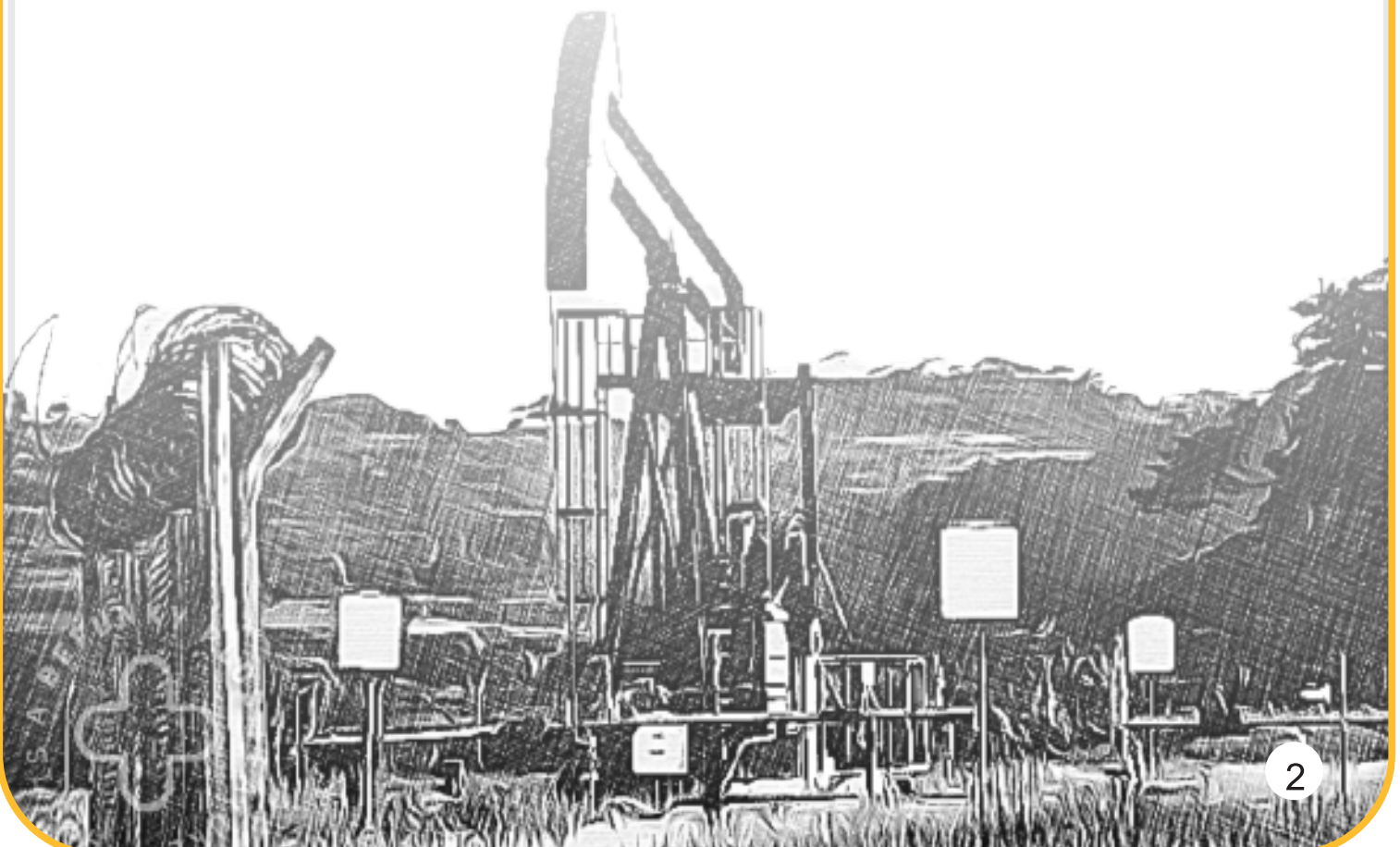
INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
BAIANO
Campus Catu



APRESENTAÇÃO

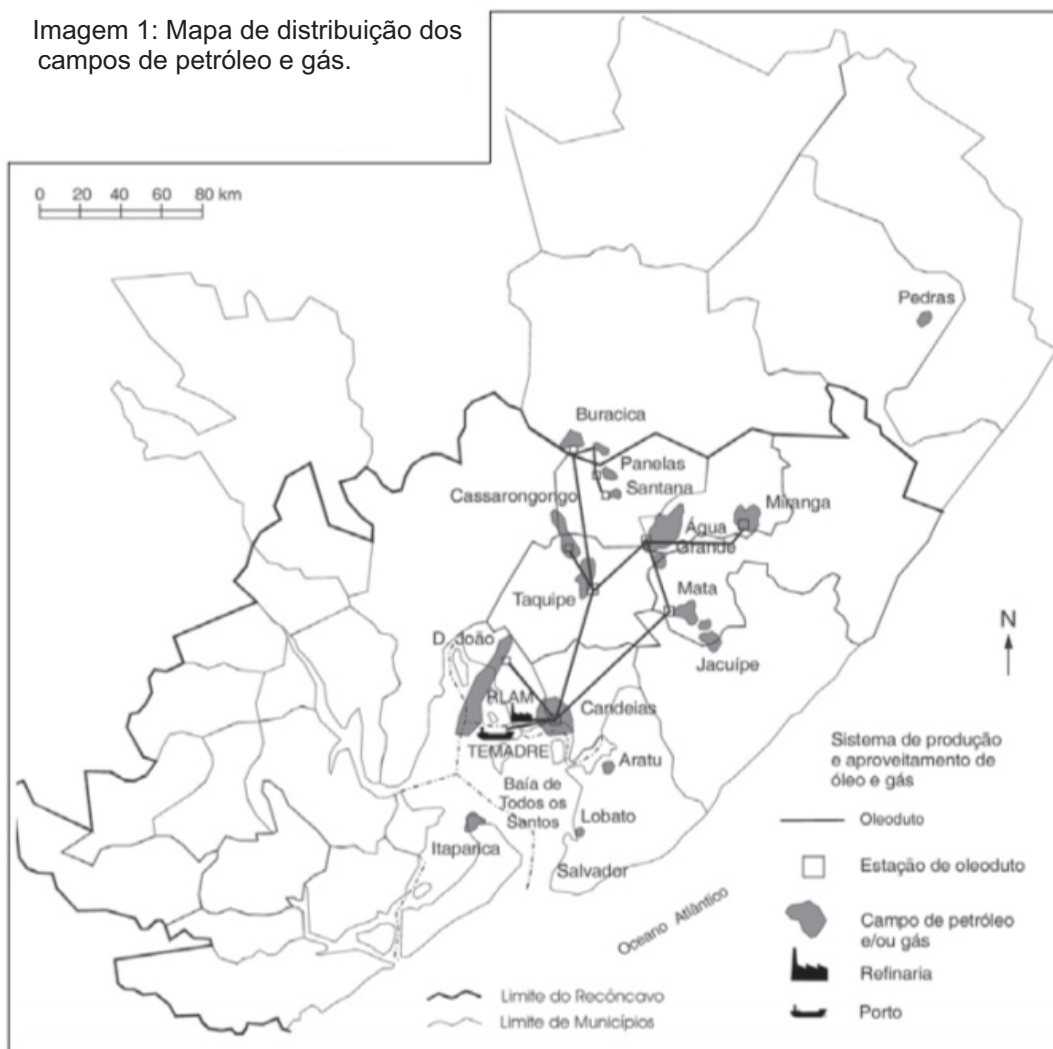
Desde o século XVIII, pelo menos, o território onde está localizado o município de Catu era ocupado por integrantes da tribo pataxó. A aproximação do colonizador foi afastando esses povos da região e estabelecendo bases de povoamento às margens do rio Catu. Posteriormente, com a instalação e expansão dos engenhos de cana-de-açúcar, cuja principal força de trabalho era a escravidão, a vila se consolidou. O município foi criado em 1868, através de lei provincial. Sua criação se deu no contexto de uma crise da escravidão, que começou a desenhar e gerar também uma crise da economia canavieira no final do século XIX. (OLIVEIRA, 2015)

Tal crise se prolongou até meados dos anos 1940, quando os primeiros poços de petróleo foram encontrados na região. A descoberta do óleo provocou uma ruptura econômica com a agricultura trazendo grandes impactos socioeconômicos para as comunidades locais. (SACRAMENTO, 2010) Nas próximas páginas desta cartilha apresentamos algumas mudanças e impactos gerados pela descoberta do petróleo e pela implementação da Petrobrás no município.



O óleo que pulsa da terra tem longa caminhada na história do Brasil, desde o período imperial, na península de Maraú, na Bahia, se tem notícias da presença na região. Ao longo das primeiras décadas do século XX, inúmeras tentativas particulares de extração de petróleo foram realizadas sem obter êxito.

Imagem 1: Mapa de distribuição dos campos de petróleo e gás.



O mapa representa a região do recôncavo baiano em relação à exploração do petróleo na década de 1960. Podemos observar a representação de Catu, que tinha o sistema de exploração mais complexo da região, por meio dos campos de Santana, Pannels e Água Grande. Temos São Sebastião do Passé representada por Taquipe. É possível ainda verificar os pólos de Candeias e de Mata de São João. Toda uma estrutura foi construída em direção à refinaria e à região portuária como forma de escoamento da produção.

Em 1930, o engenheiro agrônomo Manoel Inácio de Bastos, baseado em relatos de populares do Lobato, nas proximidades de Salvador, realizou testes na “lama preta” que brotava do chão na localidade e era utilizada para acender lamparinas, mas não atraiu a atenção das autoridades. Em 1938, foi criado o Conselho Nacional do Petróleo, como primeira iniciativa na regulamentação do setor petrolífero, buscando a imediata nacionalização de todas as atividades em curso.

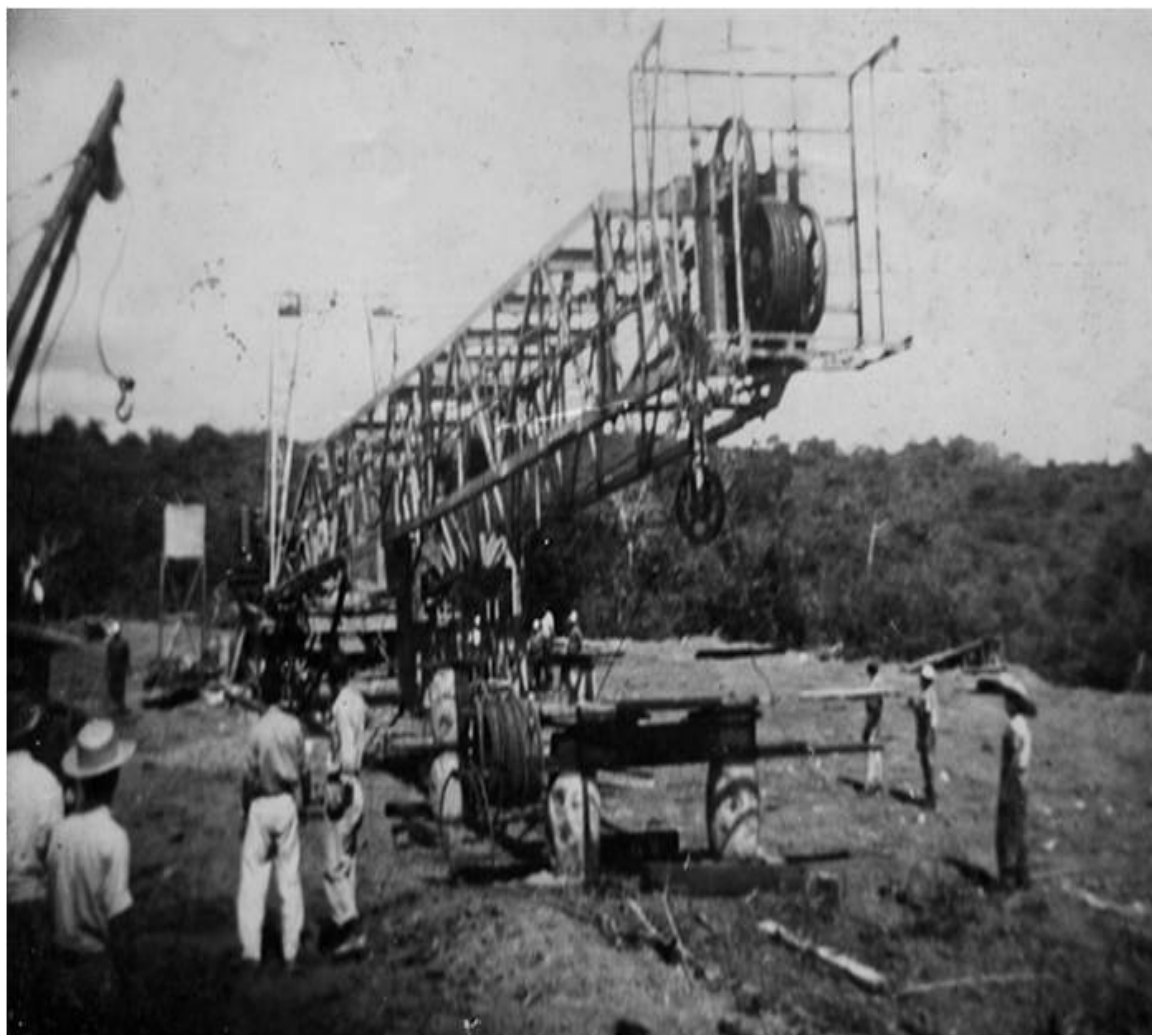


Imagem 2: Sonda de exploração de Petróleo instalada na zona rural de Catu em 1954.

Francisco Paula de Medeiros (de calça branca, de costas) e Florisvaldo Cruz (mestre de perfuração) em Catu, Bahia, durante montagem de uma sonda terrestre, essa imagem pode nos servir de um divisor temporal, pois a partir daqui vemos Catu que anteriormente tinha sua economia movida por trabalho rural em sua grande maioria, iniciando um processo industrial que mudaria a cidade e a região até os dias de hoje .

Em 1939, as suspeitas sobre a presença do óleo no Lobato se confirmaram e circularam por muitos periódicos nacionais. Iniciou-se a produção em pequena escala na região, ao passo que pesquisas por novos poços foram desencadeadas durante toda a década de 1940. Em 1950 inaugurou-se a refinaria de Mataripe, em Salvador, buscando tornar eficiente a extração que se fazia na região.

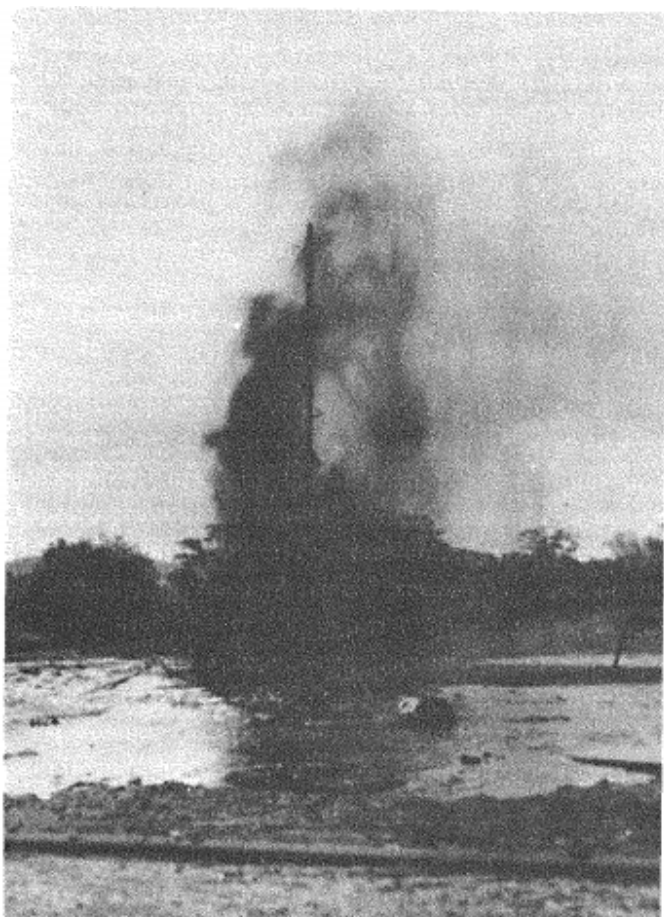


Imagem 4: Poço AG-25.



Imagem 3: Funcionários demonstrando a força do petróleo.



Imagem 5: Poço de petróleo.

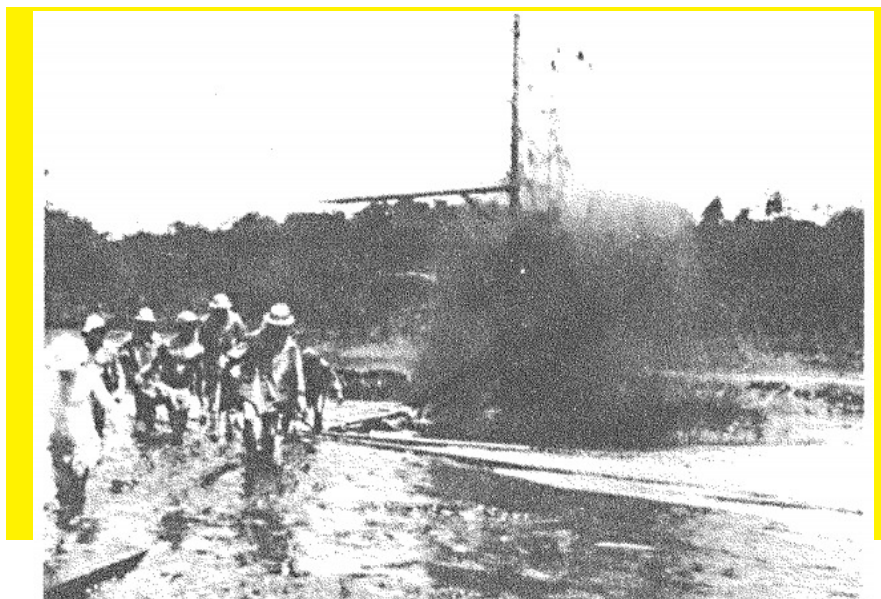


Imagem 6: Recuperação do poço AG-25.



Imagem 7: Funcionários trabalhando na recuperação do AG-25,

Na fotografia da esquerda, na página anterior, podemos ver o jorrar de petróleo proveniente da terra. Ao lado, na mesma página, dois trabalhadores seguram uma mangueira que libera petróleo. Ambas as imagens demonstram a força natural do recurso na cidade nesse período. Na terceira, podemos contemplar uma torre de perfuração pertencente à estatal.

Nas duas fotografias desta página, verifica-se a recuperação do poço petrolífero AG-25 após ter entrado em erupção em outubro de 1956.

Em 1939 aconteceu a primeira descoberta que atraiu a atenção do Estado brasileiro em relação ao petróleo no país. Tal descoberta ocorreu no Lobato, no subúrbio de Salvador. Logo após a ocorrência, técnicos do governo foram enviados à localidade para verificar a qualidade das amostras. Concluiu-se que era material de boa qualidade para refino. Ao longo da década de 1940 outras unidades de produção foram sendo descobertas através de intensas pesquisas na província petrolífera do Nordeste – que ia de Maraú até Pernambuco.



Imagem 8: Prédio do acampamento de funcionários.

Catu fez parte de um processo de implantação da Petrobrás nas cidades da região, e a partir daquele momento iniciou-se um período que mudaria a economia e a história da cidade. O ano de 1956 foi fundamental na história da cidade, visto que o volume de produção, em consonância com o que mostra as imagens de exploração do poço do campo Água Grande 25, saltou de aproximadamente 13 mil barris anuais, em 1955, para mais de 1 milhão de barris anuais, em 1956.



Imagem 9: Instalações de funcionários da petrobrás.

Estas imagens representam a arquitetura adotada para construção de prédios na época e mostram que houve uma mudança trazida pela nova economia para a cidade. Com a expansão da exploração petrolífera, pessoas vinham dos mais diversos lugares à procura de trabalho. As imagens revelam certa estabilidade econômica já que a estatal construiu instalações de suporte e acomodação para os trabalhadores. Na primeira fotografia, pode-se contemplar o acampamento técnico da Petrobras no campo de Catu. Na segunda, a foto apresenta um aspecto mais geral das dependências do acampamento. Isso foi possível, graças a concretização das expectativas em relação ao volume de produção nos campos da cidade, inserindo Catu em um cenário de acelerado desenvolvimento econômico.

Em 1954, quando a Petróleo Brasileiro S.A entrou em operação, existiam pequenas unidades de produção em Catu que foram otimizadas e potencializadas tanto em termos técnicos de exploração, como de infraestrutura para os trabalhadores instalados na cidade. Em 1955, por exemplo, os campos petrolíferos da cidade produziam uma média de 13 mil barris por ano. No ano seguinte, 1956, a produção anual cresceu aproximadamente 10.000%, com produção de mais de 1 milhão de barris por ano.



Imagem 10: Capa da revista do centenário de Catu.

A Revista do Centenário foi publicada na ocasião do aniversário de cem anos do município de Catu, em 1968. Ela traz notícias gerais sobre o município (aspectos históricos, geográficos, econômicos, culturais e sociais). Percebe-se na leitura da revista uma intensa vontade de mostrar Catu como uma cidade prospera e voltada para o futuro, tendo na exploração do Petróleo que estaria transformando a localidade na terra do "ouro negro". A foto traz a capa da revista uma gravura do mapa da Bahia sendo perpassada pelas torres petrolíferas e pelo oleoduto rumo a tão sonhada modernidade. Revista de propaganda, desconsidera os impactos negativos causados pela chegada abrupta da exploração petrolífera na cidade e na região.

O impacto da descoberta foi tão grande que o Governo do Estado precisou realizar novos investimentos para dinamizar e escoar a produção. Em meados dos anos 60, criou-se o Centro Industrial de Aratu (CIA), às margens da Baía de Todos os Santos. Em 1971, criou-se o Complexo Petroquímico de Camaçari. Na seara desses investimentos, apesar do descobrimento do petróleo em águas profundas e da crise internacional do petróleo, nos anos 1970, Catu atraiu diversas empresas prestadoras de serviço como a SOTEP, a Perbrás, Halliburton, Mi-Swaco, Conterp, etc, ditando o ritmo da economia local.



Imagem 11: Feira livre 1970.

A feira livre representa parte da economia da época, a qual havia crescido consideravelmente com a implementação da exploração do petróleo na cidade. Entretanto, pode-se notar que a chegada da Petrobrás na cidade, apesar de atrair muitos trabalhadores, preservou uma estrutura de desigualdade, visto que a feira tinha sua existência garantida sobretudo por conta da atividade agrícola de produtores em pequenas roças. Nota-se também a necessidade que a população tinha na visitação de tal localidade por conta do número de pessoas presentes, para a aquisição de gêneros alimentícios e outros bens diversos.



Esse crescimento só foi refreado com os resultados obtidos pela exploração do pré-sal que ultrapassou a marca de extração de 1 milhão de barris diários. Em 2016, marca o início da decadência da exploração petrolífera, onshore, na região. Paralelo a isto, intensos investimentos foram realizados para a extração em águas profundas, trazendo impactos significativos para a dinâmica da economia da cidade.



Imagem 12: Cavalo mecânico da base de Panoelas.

Cavalo mecânico parado na Superbase de Panoelas. A fotografia foi tirada por Evandro Veiga para a reportagem "Da vanguarda ao declínio: berço do petróleo no Brasil, Bahia enfrenta decadência"



Da vanguarda ao declínio: berço do petróleo no Brasil, Bahia enfrenta decadência

A matéria retrata a queda da economia catuense baseada na extração do petróleo e apresenta os impactos causados para a população local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após tantos anos de exploração e promessas de grande progresso, a economia petrolífera da cidade entrou em decadência. Poços foram abandonados e a cidade ficou no passado da estatal brasileira, acarretando drástica redução dos investimentos e contratação de mão de obra da cidade, diante da redução das prestadoras de serviços. A cidade de Catu atualmente se enquadra no padrão de cidades interioranas, onde a economia é pouco movimentada e a infraestrutura é básica. Grande parte dos cidadãos catuenses não compreende ou não sabe a importância que o município teve para a extração petrolífera brasileira. Ou seja, grande parte do que foi construído com a relação entre o município e a Petrobras caiu no esquecimento.



FONTES

Imagem 1: Mapa de distribuição dos campos de petróleo e gás, FONTE: Organizado por Brito (2004), com base em Fernandes (1958) e RBPA (1975).

Imagem 2: Sonda de exploração de Petróleo instalada na zona rural de Catu em 1954, FONTE: <http://memoria.petrobras.com.br/>

Imagem 3: Funcionários demonstrando a força do petróleo, FONTE: Enciclopédia do IBGE, 1958

Imagem 4: Poço AG-25, FONTE: Enciclopédia do IBGE, 1958

Imagem 5: Poço de petróleo, FONTE: Enciclopédia do IBGE, 1958

Imagem 6: Recuperação do poço AG-25, FONTE: Enciclopédia do IBGE, 1958

Imagem 7: Funcionários trabalhando na recuperação do AG-25, FONTE: Enciclopédia do IBGE, 1958

Imagem 8: Prédio do acampamento de funcionários, FONTE: Enciclopédia do IBGE, 1958

Imagem 9: Instalações de funcionários da petrobras, FONTE: Enciclopédia do IBGE, 1958

Imagem 10: Capa da revista do centenário de Catu, FONTE: Acervo pessoal

Imagem 11: Feira livre 1970, FONTE: <https://catuemretrato.com.br/>

Imagem 12: Cavalo mecânico da base de Panelas, FONTE: Fotografia de Evandro Veiga.



BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, Jurandyr Pires. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. IBGE, 1958.

OLIVEIRA, Marcelo Souza. A Imperial Villa de Santana do Catu: histórias de uma comunidade no Recôncavo Baiano. Salvador: Quarteto Editora, 2015.

BRITO, Cristóvão. A Petrobrás e a Gestão do território no recôncavo baiano. 1ª ed., 2008. AZEVEDO, Thales de. O advento da Petrobrás no recôncavo In: Brandão, Maria de Azevedo. Recôncavo da Bahia sociedade e economia e m transição. Salvador. Fundação casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia, 1998.

SACRAMENTO, Magnum Seixas. Avanços e barreiras à indústria do Petróleo e gás nos campos maduros da bacia do Recôncavo baiano após a promulgação da Lei de Petróleo de 1997. Monografia em Graduação em Economia, UFBA, Salvador, 2010.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Cotidiano e história local. In Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

_____, História local ou história do “lugar”. In Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009. LE GOFF, Jacques. História e memória. São Paulo: UNICAMP, 1990.



SOBRE OS AUTORES

- Filipe Matheus Xavier, pesquisador da iniciação científica jovem na área de história e educação, premiado com o 2º lugar na Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE) na área de ciências humanas.
- Herbert Willian, engajado na área de esportes do instituto federal baiano, faz pesquisas na área das ciências humanas e conquistou o 2º lugar na área de ciências humanas na Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE).
- Júlia dos Santos, aluna do técnico integrado em química no Instituto Federal baiano e grandemente interessada na iniciação e metodologia científica.
- Marcelo Souza Oliveira, Pós-Doutor em Educação e Contemporaneidade pela UNEB, Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Estudo de Linguagens e graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia. É Professor Efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Catu, onde atua como docente no Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, no Curso de Especialização em Educação Científica e no Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do IF Baiano.
- Rafael Rosa da Rocha é servidor público no IFBaiano Campus Catu. É licenciado em História pela Universidade do Estado da Bahia, possui Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Federal da Bahia.

